

EDUCAÇÃO
E LUTA DE
CLASSES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Camara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ponce, Aníbal. 1898-1938
Educação e luta de classes / Aníbal Ponce; tradução de
José Severo de Camargo Pereira. – 17. ed. – São Paulo :
Cortez, 2000.
Bibliografia
ISBN 85-249-0241-8

1. Conflito social 2. Educação – História I. Título II. Série.
CDD-370.9
-303.6
-310.19
90-0131

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação : História 370.9
2. Educação e Sociedade 370.19
3. Luta de classes : Sociologia 303.6

ANÍBAL PONCE

**EDUCAÇÃO
E LUTA DE
CLASSES**

Tradução de
José Severo de Camargo Pereira
(Do Instituto de Matemática e Estatística da USP)

17ª edição

 **CORTEZ
EDITORA**

A EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE PRIMITIVA

CAPÍTULO I

Os trabalhos de Morgan¹ a respeito dos índios norte-americanos — tão admirados por Marx, a ponto de inspirar-lhe um livro que, aliás, apenas teve tempo de esboçar, mas que Engels conseguiu reconstruir em grande parte² — demonstraram a existência de um comunismo tribal como origem pré-histórica de todos os povos conhecidos.

Coletividade pequena, assentada sobre a propriedade comum da terra e unida por laços de sangue,³ os seus membros eram indivíduos livres, com direitos iguais, que ajustaram as suas vidas às resoluções de um conselho formado democraticamente por todos os adultos, homens e mulheres, da tribo. O que era produzido em comum era repartido com todos, e imediatamente consumido. O pequeno desenvolvimento dos instrumentos de trabalho impedia que se produzisse mais do que o necessário para a vida cotidiana e, portanto, a acumulação de bens.

Mesmo em tribos contemporâneas, como acontece no sudoeste de Virória, muitas vezes não se encontra nenhum instrumento de produção além de uma grosseira acha de pedra. Apenas com tais recursos, é

1. Morgan: *La Sociedad Primitiva*.

2. Engels: *El Origen de la Familia, de la Propriedad Privada y del Estado*. No prólogo da primeira edição, aparecida em 1884, Engels afirmava que o seu livro consistia a execução de um testamento, na medida em que procurava suprir, com dificuldade e baseado em indicações de Marx, o livro que este não havia podido terminar.

3. A palavra *gens*, que Morgan empregava para designar estas comunidades, significa engendrar e alude ao caráter de um grupo que se jacta de ter uma ascendência comum.

perfeitamente compreensível que a tribo despenda todas as horas de cada dia só para substituir o que foi consumido no dia anterior. Se o estágio de desenvolvimento de uma sociedade deve ser avaliado pelo domínio que ela conseguiu sobre a natureza, é evidente que o nível das comunidades primitivas não poderia ser mais baixo. Escrava da natureza, a comunidade persistia, mas não progredia.

A execução de determinadas tarefas, que apenas um membro da comunidade não podia realizar, deu lugar a um precoce começo de divisão sem o menor submetimento por parte das mulheres. Como debaixo do tribo inteira —, a direção da economia doméstica, entregue às mulheres, não era, como acontece entre nós, um assunto de natureza privada, e sim *uma verdadeira função pública, socialmente tão necessária quanto a de fornecer alimentos, a carga dos homens*. Entre os bosquimanos atuais, por exemplo, as mulheres, além de cuidarem do acampamento, recolhem as larvas, as formigas e os gafanhotos que fazem parte da sua alimentação, e são tão conscientes da igualdade dos seus direitos em comparação com os homens que, segundo conta Paul Descamps, não dão formigas aos seus esposos sempre que estes facessam nas suas caçadas...⁴

Na comunidade primitiva, as mulheres estavam em pé de igualdade com os homens⁵, e o mesmo acontecia com as crianças. Até os 7 anos, as crianças acompanhavam os adultos em todos os seus trabalhos, ajudavam-nos na medida das suas forças e, como recompensa, recebiam a sua porção de alimentos como qualquer outro membro da comunidade. *A sua educação não estava confiada a ninguém em especial, e sim à vigilância seu meio ambiente. Merece de uma insensível e espontânea assimilação do reverenciado pelo grupo*.⁶ A convivência diária que maninha com os adultos a introduzia nas crenças e nas práticas que o seu grupo social tinha por melhores. Presa às costas da sua mãe, metida dentro de um saco, a criança percebia a vida da sociedade que a cercava e compartilhava dela, ajustando-se ao seu ritmo e às suas normas e, como a sua mãe andava sem cessar de um lado para o outro, o aleitamento durava vários

4. Descamps: *État Social des Peuples Sauvages*, pág. 129.

5. Uma das ideias mais absurdas que nos transmitiu a filosofia do século XVIII é a de que, na origem da sociedade, a mulher foi escrava do homem. Entre outros os selvagens e entre os brônchos do estágio médio e inferior, e em grande parte até mesmo entre os do estágio superior, a mulher não só tem uma posição livre, como também é muito considerada. Engels, *ob. cit.*, pág. 46.

mes, a criança adquire a sua primeira educação sem que ninguém a dirigisse expressamente.⁶

Um pouco mais tarde, quando a ocasião o exigia, os adultos explicavam às crianças como elas deveriam comportar-se em determinadas circunstâncias. Usando uma terminologia a gosto dos educadores atuais, diríamos que, *nas comunidades primitivas, o ensino era para a vida e por meio da vida*; para aprender a manejar o arco a criança caçava; para aprender a guiar um barco, navegava. As crianças se educavam tomando parte nas funções da coletividade.⁷ E, porque tomavam parte nas funções sociais, elas se mantinham, não obstante as diferenças naturais, no mesmo nível que os adultos.⁸

Nunca eram as crianças castigadas durante o seu aprendizado. "Deixam-nas crescer com todas as suas qualidades e defeitos. As crianças são mimadas pela mãe e quando, em algum momento de impaciência, esta chega a castigá-las, o pai por sua vez castiga a impaciente."⁷ Apesar de entregues ao seu próprio desenvolvimento — *Bildung*, como diriam séculos mais tarde Goethe e Humboldt —, nem por isso as crianças deixavam de se converter em adultos, de acordo com a vontade pessoal do ambiente: adultos tão idênticos uns aos outros que Marx dizia, com justiça, que ainda se encontravam ligados à comunidade por um verdadeiro "cordão umbilical".⁸

Este fato parece-me suficientemente importante para justificar um momento de reflexão. Se os pais deixavam os filhos em completa liberdade, como é que os adultos iriam assemelhar-se tanto, uns aos outros, mais tarde? Se não existia nenhum mecanismo educativo especial, nenhuma "escola" que imprimisse às crianças uma mentalidade social uniforme, em virtude de que a *amarquia* da infância se transformava na disciplina da maturidade? Estamos tão acostumados a identificar a Escola com a Educação, e esta com a noção individualista de um educador e um educando, que nos custa um pouco reconhecer que *ã educação na comunidade primitiva era uma função espontânea da sociedade em conjunto, da mesma forma que a linguagem e a moral*. E, do mesmo modo que é óbvio que a criança não precisa recorrer a nenhuma instituição para aprender a falar, também devemos reconhecer como não menos evidente que, numa sociedade em que a totalidade dos bens está à disposição de todos, a silenciosa

6. Létourneau: *L'Évolution de l'Éducation dans Les Diverses Races Humaines*, pág. 39.

7. Descamps, *ob. cit.*, pág. 82.

8. Marx: *El Capital*, tomo I, pág. 54, da tradução de Justo.

imitação das gerações anteriores⁹ pode ser suficiente para ir levando a uma meta comum a inevitável desigualdade dos temperamentos individuais.

Devemos, então, dizer que o primitivo não recebia uma educação de acordo com a sua "natureza"? Se, por "natureza", quisermos significar a "essência do homem", tal como apareceria se eliminássemos as influências sociais, salta aos olhos o absurdo da pergunta. Nunca, em nenhum momento, existiu um homem nessas condições. O homem, enquanto homem, é social, isto é, está moldado por um ambiente histórico de que não pode ser separado.

O homem das comunidades primitivas também tinha uma concepção própria do mundo, ainda que nunca a tivesse formulado expressamente. Essa concepção do mundo, que nos parece pueril, refletida, por um lado, o ínfimo domínio que o primitivo havia alcançado sobre a natureza e, pelo outro, a organização econômica da tribo, estreitamente vinculada a esse domínio. Uma vez que na organização da comunidade primitiva não existiam graus nem hierarquias, o primitivo supôs que a natureza também estava organizada desse modo; por esse motivo, a sua religião foi uma religião sem deuses. Os primitivos acreditavam em forças difusas¹⁰ que

9. "Sob o regime tribal, a característica essencial da educação reside no fato de ser difusa e administrada indistintamente por todos os elementos do clã. Não há mestres determinados, nem inspetores especiais para a formação da juventude: esses papéis são desempenhados por todos os anciãos e pelo conjunto das gerações anteriores." Dürkheim: *Education et Sociologie*, pág. 81.

10. Os primitivos têm uma interessante "concepção religiosa" a respeito do mundo em geral: o animismo. De acordo com essa concepção, acreditam que o mundo, desde os objetos inanimados, até o homem, está habitado por uma multidão de espíritos benéficos e malféficos. Mas esses espíritos não "pertencem" ao objeto que habitam no momento, porque são passíveis de transmigração. Originalmente, esses espíritos eram quase materiais, mas, depois de uma evolução mais ou menos prolongada, começaram a se desmaterializar, convertendo-se em "puros espíritos". O animismo pode ser dividido em dois períodos: pré-animismo (animismo, para alguns autores) e animismo propriamente dito. No primeiro período, o mundo ainda não está povoado por espíritos, de modo que o homem seria capaz de influenciar diretamente a natureza, pela própria força do seu pensamento. E de se notar que nunca se encontrou um povo primitivo que estivesse exclusivamente na fase pré-animista. No período animista propriamente dito surgem os espíritos e, simultaneamente, o primitivo passa a acreditar que é capaz de influenciar a natureza de dois diferentes modos: diretamente, pelo poder do seu pensamento (artes mágicas), e indiretamente (sortilégios), influenciando em primeiro lugar os espíritos que a governam. Esses dois modos de influenciar o mundo exterior coexistem e se completam.

No pensar de certos autores, o animismo seria um estágio natural na evolução da humanidade, que passaria por três etapas principais no seu desenvolvimento: a saber: fase animista-antológica, fase religiosa e fase científica. (Nota do Tradutor.)

impregnavam tudo o que existia, da mesma maneira que as influências sociais impregnavam todos os membros da tribo.¹¹

Dessa concepção do mundo — a única possível numa sociedade indolente em que todos os seus membros ocupavam a mesma posição na produção — derivava logicamente o ideal pedagógico a que as crianças deviam se ajustar. O dever ser, no qual está a raiz do fato educativo, devia ser sugerido pelo seu meio social desde o momento do nascimento. Com o idioma que aprendiam a falar, recebiam certa maneira de associar os objetos com as coisas que viam e com as vozes que escutavam, as coisas de idear; com as coisas das ideias e dos sentimentos elaborados pelas crianças se impregnavam das ideias e dos sentimentos elaborados pelas gerações anteriores e submergiam de maneira irresistível numa ordem social que as influenciava e as moldava. Nada viam e nada sentiam, a não ser através das maneiras consagradas pelo seu grupo. A sua consciência era um fragmento da consciência social, e se desenvolvia dentro dela. Assim, antes de a criança deixar as costas da sua mãe, ela já havia recebido, de um modo confuso certamente, mas com relevos ponderáveis, o ideal pedagógico que o seu grupo considerava fundamental para a sua própria existência. Em que consistia esse ideal? Em adquirir, a ponto de torná-lo imperativo como uma tendência orgânica, o sentimento profundo de que não havia nada, mas absolutamente nada, superior aos interesses e às necessidades da tribo.¹²

Se desajássemos, agora, ir colocando marcos decisivos para o desenvolvimento deste curso, poderíamos dizer que, numa sociedade sem classes como a comunidade primitiva, os fins da educação derivam da estrutura homogênea do ambiente social, identificam-se com os interesses comuns do grupo e se realizam igualmente em todos os seus membros, de modo espontâneo e integral: espontao na medida em que não existia

11. Não creio ser necessário recordar aqui os trabalhos clássicos de Dürkheim, de Lévy-Bruhl e da sua escola, que confirmam amplamente as interpretações marxistas, tal como Bichain o indicou em *La Théorie du Matérialisme Historique*, pág. 218.

12. Na sessão de 2 de junho de 1929 da Sociedade Francesa de Filosofia, quando de uma discussão a respeito da "alma primitiva", Lévy-Bruhl mostrou bem que nas sociedades inferiores "a unidade não reside no indivíduo e sim no grupo de que este sente ser membro. Em algumas sociedades, esta solidariedade assume um caráter quase orgânico". Cf. *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, agosto-setembro de 1929. Nestas condições, "o indivíduo a essas sociedades, é absurdo falar de "subordinação do indivíduo à sociedade", como muitos o fazem — Auspícios entre eles — e isso pela simples razão de que a noção de indivíduo ainda não está formada.

Marx tinha razão quando dizia que "no início da civilização não são as pessoas individuais e sim famílias, tribos etc. que se opõem umas às outras" (Cf. *El Capital*, tomo I, pág. 269, da tradução de Justo), mas se equivocava, como reconheceu mais tarde, ao crer que a família fosse anterior à tribo.

nenhuma instituição destinada a inculcá-los, *integral* no sentido que cada membro da tribo incorporava mais ou menos bem tudo o que na referida comunidade era possível receber e elaborar.

Este conceito de educação, como uma função espontânea da sociedade, mediante a qual as novas gerações se assemelham às mais velhas¹³, era adequado para a comunidade primitiva, mas deixou de sê-lo à medida que esta foi lentamente se transformando numa sociedade dividida em classes.¹⁴ O aparecimento das classes sociais teve, provavelmente, uma dupla origem: o escasso rendimento do trabalho humano e a substituição da propriedade comum pela propriedade privada.¹⁵

1º Já dissemos que, na comunidade primitiva, uma divisão rudimentar do trabalho distribuiu precocemente as tarefas, em função de sexo e idade. Mas a diferenciação não parou aí. A distribuição dos produtos, a administração da justiça, a direção das guerras, a supervisão do sistema de irrigação etc., foram exigindo, pouco a pouco, certas formas de trabalho social ligeiramente diferentes do trabalho *material propriamente dito*. Com as rudimentares técnicas da época, o trabalho material era de tal modo cansativo que o indivíduo que se dedicava ao cultivo da terra, por exemplo, não podia desempenhar, ao mesmo tempo, nenhuma das outras funções que a vida tribal exigia. Portanto, o aparecimento de um *grupo de indivíduos*

13. Ernst Krieck escreveu páginas muito justas a respeito da educação espontânea que brota da convivência. Cf. *Bosquejo de la Ciencia de la Educación*, págs. 29, 34 e 67. No entanto, a sua incompreensão do marxismo impediu-o de desenvolver com exatidão o seu pensamento. Tudo quanto escreveu a respeito da influência da "comunidade" é inanecevel enquanto se aplica à comunidade primitiva, mas carece de valor para as comunidades mais homogêneas, como são todas as sociedades divididas em classes. O mesmo podemos dizer de Weyden e de Durkheim, se bem que o último tenha suscitado que a educação difere em função das classes sociais.

14. O Capítulo LIH de *Le Capital* (tomo XIV, págs. 219-221, da tradução de Molino) chama-se *As Classes*, e Marx, nele, perguntava que é que forma uma classe? Mas é sabido que, infelizmente, o manuscrito do *Capital* ficou interrompido nesse ponto.

Bucárin define classe social como "um conjunto de indivíduos que desempenham a mesma função na produção, e que têm, na produção, idênticas relações com os indivíduos e os meios de trabalho". (*La Théorie du Matérialisme Historique*, pág. 229.)

Lenine, num discurso pronunciado no III Congresso Pan-Russo da União das Juventudes Comunistas, de modo mais didático e expressivo, definiu classe social do seguinte modo: "Que são as classes em geral? É o que permite a uma fração da sociedade apropriar-se do trabalho da outra. Se uma fração da sociedade apossar-se de todo o solo, passarem a ter a classe dos proprietários da terra e a classe dos camponeses. Se uma fração da sociedade possuir as fábricas, as ações e o capital, enquanto a outra trabalha nessas fábricas, temos a classe dos capitalistas e a dos proletários."

15. Cf. Engels: *Anti-Dühring*, págs. 190 e 308. No mesmo sentido, cf. Bucárin: *La Théorie du Matérialisme Historique*, pág. 309.

libertos do trabalho material era uma consequência inevitável da infima produtividade da força humana de trabalho.¹⁶

Apesar de estarem sob a tutela da comunidade — porque não se lhes reconhecia nenhuma importância especial —, os "funcionários" que recebiam a custódia de determinados interesses sociais fizeram derivar desses interesses certa exaltação de poderes. O encarregado da distribuição de viveres, por exemplo, dispunha de alguns homens que cuidavam dos depósitos, e não é difícil imaginar de que maneira a sua relativa preeminência foi-se convertendo com o tempo numa verdadeira hegemonia. No entanto, para nós tem importância ressaltar *que as classes sociais, que, posteriormente, chegaram a ser "privilegiadas", desempenhavam, no início, funções ínfimas*. A sua relativa supremacia inicial foi, a princípio, um fato acerto voluntariamente e, de certo modo, espontâneo. Qualquer desigualdade de inteligência, de habilidade ou de caráter poderia servir de base para uma diferença que, com o tempo, poderia engendrar um submetimento.

No ponto de uma clava milenária encontrada em Hieracômpolis (Egipto) podemos ver a figura de um rei escavando um canal de irrigação com as próprias mãos¹⁷, da mesma forma, se examinarmos com alguma atenção os mais velhos cantos da literatura egípcia, veremos que o Faró é sempre celebrado como o que irriga e cultiva. Essa ínfima ligação existente entre os monarcas egípcios e a agricultura do país demonstra de que modo as suas funções derivaram em grande parte da necessidade de centralizar o controle dos canais de irrigação. À medida que a prática de represar as águas do Nilo foi-se estendendo, mais deve ter-se accentuado a necessidade de um organismo que tivesse a seu cargo a difícil missão de dirigir e controlar essas tarefas, pois a abertura extemporânea das comportas poderia fazer com que as águas baixassem antes da saturação adequada dos terrenos altos, e destruíssem, de passagem, as obras situadas em terrenos mais baixos. Tratava-se, sem dúvida, de tarefas complicadas,

16. "Só quando os homens se alcanam do seu primitivo estado animal e o seu trabalho, portanto, já se apresenta associado em certo grau é que apareceram relações em que o *supertrabalho de uns constitui condição para a existência de outros*. Nos primórdios da civilização, as forças produtivas adquiridas pelo trabalho eram poucas, mas também eram diminutas as necessidades, uma vez que estas se desenvolvem paralelamente com os meios de satisfação. Além disso, *proporcionalmente falando, o número dos que vivem à custa do trabalho alheio era, nessa primitividade, insignificante em relação à massa dos que se entregavam diretamente à produção*". Marx: *El Capital*, tomo I, pág. 395, da tradução de Justo. (O Itálico é nosso.)

17. Gomperz: *La Pueria de Egipto*, pág. 86. Os primitivos reis-pastores chineses também eram "os reguladores do tempo". Cf. Richard Wilhelm: *Histoire de la Civilisation Chinoise*, pág. 67.

que exigiam longa experiência e um conhecimento exato do calendário solar.

O que dissemos a respeito do guardaio dos viveres e o que acabamos de dizer do controlador da irrigação também se aplica aos outros funcionários que representavam a tribo no seu contato diário com os poderes misteriosos da natureza. As forças místicas que o primitivo supunha existirem nos seres inanimados e nos animados apresentavam um caráter caprichoso e um humor difícil. Cerimônias complicadas e ritos precisos constituíam, por isso, como que antecâmaras inevitáveis, por que se teria de passar para alcançar essas forças.¹⁸ Um "funcionário" — sacerdote, médico e mago —, tão necessário quanto qualquer outro, aconselhava, protegia e curava os membros da tribo. Da mesma forma que acontecia com os outros funcionários, também nele ia surgindo essa nova característica, que iria acentuar-se, cada vez mais, na comunidade em transição: *a direção do trabalho se separa do próprio trabalho, ao mesmo tempo que as forças mentais se separam das físicas.*

2º Mas esta divisão da sociedade em "administradores" e "executores" não teria levado à formação das classes, tal como hoje as conhecemos, se outro processo paralelo não tivesse ocorrido ao mesmo tempo. As modificações introduzidas na técnica — especialmente a domesticação dos animais e o seu emprego na agricultura, como auxiliares do homem — aumentaram de tal modo o poder do trabalho humano que *a comunidade, a partir desse momento, começou a produzir mais do que a necessáριο para o seu próprio sistema.* Apareceu um excedente de produtos, e o intercâmbio desses bens, que até então era exigido¹⁹, adquiriu tal vulto que se foram acentuando as diferenças de "fortuna". Cada um dos produtores, aliviado um pouco do seu trabalho, passou a produzir para as suas próprias necessidades e também para fazer trocas com as tribos vizinhas. Surgiu pela primeira vez a possibilidade do ócio, ócio fecundo, de conseqüências remotíssimas, que não só permitia fabricar outros instrumentos de trabalho e buscar matérias-primas, como também refletir a

respeito dessas técnicas. Em outras palavras: criar os rudimentos mais grosseiros daquilo que, posteriormente, viria a se chamar ciência, cultura, ideologias.

Com o aumento do seu rendimento, o trabalho do homem adquiriu certo valor. Em outros tempos, quando a produção era exigua, e o cultivo consistia, por exemplo, apenas em semear alguns grãos depois de arrancar o solo entre troncos cortados²⁰, o aumento da natalidade era severamente reprimido.²¹ A comunidade se mostrava tão incapaz de assegurar a alimentação de indivíduos além de certo número que, quando uma tribo vencia outra, ela se apoderava das riquezas desta, mas também matava todos os seus membros, porque recebia-os no seu seio seria catastrófico. Mas, tão cedo o bem-estar da tribo aumentou, por causa das novas técnicas de produção, os prisioneiros de guerra passaram a ser desceitados, e o inimigo vencido passou a ter a sua vida garantida com a condição de transformar-se em escravo. À medida que cresciam os rebanhos, maior era a necessidade de indivíduos que cuidassem deles, mas como a reprodução dos animais era mais rápida do que a humana, era óbvio que apenas a tribo, com a sua natalidade, não poderia satisfazer a mencionada exigência de braços.²² Agora, incorporar indivíduos estranhos à tribo, para explorar o seu trabalho, era, ao mesmo tempo, necessário e possível.

É desnecessário dizer que o trabalho escravo aumentou o excedente de produtos de que a comunidade dispunha, produtos esses que os "administradores", como representantes da comunidade, comerciavam, tanto com as tribos vizinhas, quanto com as longínquas. As coisas continuaram, assim até que as funções dos "organizadores" passaram a ser hereditárias, e a propriedade comum da tribo — terras e rebanhos — passou a constituir propriedade privada das famílias que a administravam e defendiam. *Donos dos produtos, a partir desse momento as famílias dirigentes passaram também a ser donas dos homens.*²³

Essa transformação tem grande importância para nós. Na sociedade primitiva, a colaboração entre os homens se fundamentava na propriedade

18. Robison: *Introduction à l'Histoire des Religions*, pags. 25 e 26.
19. "A troca de mercadorias começa onde terminam as comunidades; nos seus pontos de contato são comunidades estranhas ou são membros de comunidades estranhas. Mas, no momento em que, para a vida extragrupal, as coisas se transformam em mercadorias, a mesma transformação também se dá para a vida intracomunitária..." Ao mesmo tempo, a necessidade de objetos de uso de procedência estrangeira vai-se arrastando pouco a pouco. A continuação repetida da troca faz dela um processo social regular. Com o decorrer do tempo, pelo menos uma parte dos produtos é intencionalmente produzida para fins de comércio. A partir desse momento, consolida-se a separação entre a utilidade das coisas para a satisfação de necessidades imediatas e a sua utilidade para o comércio, o valor de uso se separa do valor de troca." Marx: *El Capital*, tomo I, pág. 60, da tradução de Justo.

20. Era assim que os índios da América do Norte plantavam o milho quando chegaram os conquistadores. Não muito mais perfeita era a *Tzulu* que os incas usavam para cavar, apontando o pé sobre uns paus em forma de cruz.

21. Descamps, *ob. cit.*, pág. 45.
22. Engels: *El Origen de la Familia, de la Propriedad Privada y del Estado*, pags. 51-52.

23. "Esse remanescente de um fundo social de produção e de reserva base de todo o progresso social, político e intelectual, passou a ser patrimônio de uma classe privilegiada que viveu nesse mesmo momento, e por esse meio, a hegemonia política e a direção espiritual." Engels: *Anti-Dühring*, pág. 208.

coletiva e nos laços de sangue; na sociedade que começou a se dividir em classes, a propriedade passou a ser privada e os vínculos de sangue retrocederam diante do novo vínculo que a escravidão inaugurou: *o que impunha o poder do homem sobre o homem*. Desde esse momento, os fins da educação deixaram de estar implícitos na estrutura total da comunidade. Em outras palavras: com o desaparecimento dos interesses comuns a todos os membros *iguais* de um grupo e a sua substituição por interesses *distintos*, pouco a pouco *antagônicos*, o processo educativo, que até então era único, sofreu uma partição: *a desigualdade econômica entre os "organizadores"* — cada vez mais exploradores — e os "excluídos" — cada vez mais explorados — *trouxe, necessariamente, a desigualdade das educações respectivas*. As famílias dirigentes que organizavam a produção social e retinham em suas mãos a distribuição e a defesa organizaram e distribuíram também, *de acordo com os seus interesses*, não apenas os produtos, mas também os rituais, as crenças e as técnicas que os membros da tribo deviam receber. Libertas do trabalho material, o seu ócio não foi nem estéril, nem injusto, a princípio. Com os rudimentares instrumentos da época, não seria concebível que alguém se entregasse a funções *necessárias, mas não produtivas*, a menos que muitos outros trabalhassem para esse alguém. Mas, se a aparição das classes sociais foi uma consequência inevitável da escassa produtividade do trabalho humano, aproveitaram a vantagem conseguida para defender a sua situação, *não divulgando os seus conhecimentos*, para prolongar a incompetência das massas e, ao mesmo tempo, assegurar a estabilidade dos grupos dirigentes.

Nos primeiros tempos da comunidade primitiva, qualquer um podia ser, momentaneamente, juiz e chefe, mas, agora que a estrutura social começava a complicar-se, certos conhecimentos passaram a ser requeridos para o desempenho de determinadas funções, conhecimentos esses que os seus detentores começaram a apreciar como *fonte de domínio*. Os que conviviam com os "organizadores" dispunham de mais facilidades do que os membros comuns da tribo, para aprender essa missão. Por esse motivo, os funcionários que representavam os interesses comuns costumavam ser *eleitos entre os membros da mesma família*. Cada "organizador" *educava os seus parentes para o desempenho do seu cargo*, e predispunha o resto da comunidade para que os elegessem.²⁴ Com o passar do tempo, essa eleição se fez desnecessária: os "organizadores" passaram a *designar* aqueles que deveriam sucedê-los e, desse modo, as funções de direção passaram a ser patrimônio de um pequeno grupo que detinha o conhecimento

em seus segredos. *Para os que nada tinham, cabia o saber do vilão; para os afortunados, o saber de iniciação.*

As cerimônias de *iniciação* constituem o primeiro esboço de um processo educativo diferenciado, que, por isso mesmo, já não era espontâneo, mas coercitivo. Elas representam o rudimento do que mais tarde viria a ser a escola a serviço de uma classe. Os magos, os sacerdotes e os sábios — primeiramente simples depositários e, posteriormente, donos do saber da tribo — assumem pouco a pouco, juntamente com a função geral de conselheiros, a função mais restrita de iniciadores. Cada tribo foi recolhendo através dos anos uma larga experiência que foi sendo cristalizada em tradições e mitos. *Mescla cáutica de saber autêntico e de superstições religiosas*, esse acervo cultural constituía o reservatório espiritual que protegia o grupo na sua luta contra a natureza e contra os grupos rivais. Nas cerimônias de iniciação, os sacerdotes explicavam aos mais sêletos dos jovens da classe dirigente o significado oculto desses mitos e a essência dessas tradições. Essas cerimônias de iniciação eram acompanhadas ou precedidas por provas duras, dolorosas e, às vezes, mortais, destinadas a experimentar a tempera dos futuros dirigentes e a salientar de modo impressionante²⁵ *o caráter intransferível das coisas ensinadas*.

Do ponto de vista educativo, a partir desse momento há uma diferença bem grande de nível entre os *iniciados e os não-iniciados*; na classe superior, ainda vamos constatar o mesmo fato se compararmos *a criança com o adulto*. Esta já recebe menos educação e alimentos do que o adulto. Da mesma forma, começa a haver uma hierarquia em função da idade, acompanhada de uma submissão autoritária que exclui o antigo tratamento benévolo demonstrado para com a infância, ao mesmo tempo que surgem *as reprimendas e os castigos*.

Quando a comunidade primitiva ainda não se havia dividido em classes, quando a vida social era sempre igual a si mesma e dífereia pouco de indivíduo para indivíduo, a própria simplicidade das práticas morais colocava as crianças sem esforço no caminho do hábito, e não era necessária nenhuma disciplina. Porém, agora que *surgiram na tribo as relações de dominação e submissão*, agora que a vida social se complicou até dífereir bastante de indivíduo para indivíduo, de acordo com o lugar que cada

25. "Nas festas de iniciação, quando o jovem ingressa no círculo dos adultos, consegue-se essa finalidade [fazer com que ele comece as obrigações sociais superiores] não só fisicamente, por processos mágicos, mas também através da inoculação dos costumes prescritos pela tribo, especialmente o respeito e a obediência aos velhos, na alma dos jovens, sensibilizada a toda espécie de impressões por meio de jejuns e vigílias. E essa sugestão continua forte durante toda a vida." Graebner, *El Mundo del Hombre Primitivo*, pág. 38.

um ocupa na produção, resulta evidente também que já não é possível confiar a educação das crianças à orientação espontânea do seu meio ambiente. Estudando 104 sociedades primitivas, Steinhilber verificou que em apenas 13 delas a educação era severa. Mas o interessante é notar que esses 13 povos já eram relativamente mais civilizados do que os outros.²⁶

A educação sistemática, organizada e violenta, surge no momento em que a educação perde o seu primitivo caráter homogêneo e integral.²⁷

A primitiva concepção do mundo como uma realidade ao mesmo tempo mística e natural, uma realidade por onde circulam forças divinas, é agora substituída por outra concepção, em que se reflete a mesma noção de hierarquia que apareceu na estrutura econômica da tribo: deuses dominadores e crentes submissos dão um matiz original às novas crenças da tribo. Crenças tão diretamente ligadas à essência das classes sociais, que a continuação da vida depois da morte — comum a todos no início — passa mais tarde a ser um privilégio dos nobres.²⁸

Não é necessário dizer que a educação imposta pelos nobres se encarrega de difundir e reforçar esse privilégio. Uma vez constituídas as classes sociais, passa a ser um dogma pedagógico a sua conservação, e quanto mais a educação conserva o status quo, mais ela é julgada adequada. Já nem tudo o que a educação inculca nos educandos tem por finalidade o bem comum, a não ser na medida em que "esse bem comum" pode ser uma premissa necessária para manter e reforçar as classes dominantes. Para estas, a riqueza e o saber, para as outras, o trabalho e a ignorância.

Esse fato se repete com uma regularidade impressionante nas origens de todas as culturas: entre os polinésios, entre os incas, ou entre os chineses. Relata-nos Letourneau que os primeiros europeus que visitaram as ilhas da Polinésia ouviram dos lábios dos membros privilegiados das tribos a seguinte afirmação: "que lhes parecia muito conveniente instruir os seus próprios filhos, mas que era inteiramente inútil fazer o mesmo com os filhos do povo, que estavam destinados a viver sempre em estado servil e a não ter, portanto, nem propriedades, nem servidores".²⁹ Não

26. Citado por Durkheim em *L'Éducation Morale*, pág. 210.

27. Sverre de Dornicis: *Scienza Compriuta della Educazione*, págs. 325 e 470.

28. "É sabido há bastante tempo que os polinésios, que do ponto de vista da organização social possuem classes nobres e não-nobres, espirituais e não-espirituais, *diribim* e *estus* *clases distintas diferentes depois da morte*. Ao plebeu, caberá depois da morte um destino sombrio, ao passo que as almas dos nobres e dos clérigos subirão até os deuses... Em Tonga, também na Polinésia, a separação ainda é maior: *si os nobres têm alma imortal. Para os outros, tudo termina com a morte*." Gæbner, ob. cit., pág. 78. (O grifo é nosso.)

29. Letourneau, ob. cit., pág. 122. O grifo não está no original.

possuam diferentemente as classes dirigentes entre os incas; pelo menos a isso que deduzimos quando vemos Tupaque Inpanqui afirmar que não é lícito ensinar às crianças plebéias as ciências que pertencem aos nobres, e para evitar que "gentes baixas se elevem, se ensobrecem, desprezem e apontem a república; para elas é suficiente aprender os ofícios dos seus antepassados, porque o mandar e o governar não são coisas próprias para plebeus, ao mesmo tempo que seria um agravo à república e à pátria permitir que os plebeus façam essas coisas".³⁰ Não teria sido também a mesma voz a que ressoou vários séculos atrás entre os sábios da China que acreditavam que não se devia conceder o saber ao povo, porque ele despertaria desejos, afirmando que ao homem do povo bastariam "músculos sólidos e vontade escassa, estômago satisfeito e coração vazio".³¹

Acompanhando as transformações experimentadas pela propriedade, a situação social da mulher também sofreu modificações de vulto. Na comunidade primitiva, em que imperava o matrimônio grupal, ou um casamento facilmente dissolúvel, a paternidade era difícil de ser estabelecida, e a filiação, por esse motivo, se transmitia pela linha materna. O *matrilinearismo*³² sempre aparece junto a essas formas de comunidade fundadas na

30. Pessier: *Historia de la Conquista del Perú, con Observaciones Preliminares Sobre la Civilización de los Incas*, pág. 33.

31. Wilhelm, ob. cit., pág. 163.

32. Parece que há aqui uma impropriedade de linguagem da parte do Autor que, provavelmente, queria dizer *matrilinearidade*, em vez de *matrilinearismo*. Essa palavra *matrilinearismo* se presta a confundir o leitor não versado em Antropologia, mercê do significado em do termo. Nesse sentido popular de "governo das mulheres", isto é, de uma sociedade em que o poder político está inteiramente nas mãos das mulheres, nunca existiu, ou, pelo menos, nunca se encontrou uma sociedade primitiva em que se tenha positivado a existência desse tipo de organização político-social. Na concepção antropológica do termo, *matrilinear* seria qualquer sociedade em que a preeminência feminina está institucionalizada em vários aspectos importantes da cultura, em detrimento da posição masculina. Nesse sentido do termo, temos várias sociedades primitivas — roqueses, zuni, masas etc. — em que encontramos organização matrilinear, mas no conjunto das sociedades primitivas conhecidas, a dominação masculina é bastante mais generalizada. Na opinião de Margaret Mead ("Woman Position in Society" in *Encyclopedia of the Social Sciences*, vol. XVI), é entre os roqueses que vamos encontrar "um dos mais completos exemplos do poder político da mulher na sociedade primitiva; as mulheres são os eleitores, os críticos oficiais e os censores dos seus jovens parentes masculinos... Em todo caso, é difícil separar os "matrilinearistas" que encontramos em várias sociedades primitivas, da gerontocracia, que é uma instituição bastante mais difundida, quase universal. De fato, por causa da maior longevidade feminina — fato que é observado em todas as sociedades, e com maior intensidade nas sociedades primitivas — é possível que todos os exemplos encontrados de acentuada influência político-social das mulheres não passem de uma consequência da gerontocracia.

Por outro lado, *matrilinearidade* seria um sistema de usos e costumes baseado na descendência em linha materna — herança do nome, da propriedade, da posição social etc. —

Matrilinearismo
O início da distinção da educação da classe nobre

O soberano e a sua família, os funcionários e os magos, os sacerdotes e os guerreiros passaram, desde esse momento, a constituir uma classe compacta, com interesses comuns, em grande parte opostos ao do grupo total.

Mas ainda estava faltando alguma coisa: uma instituição que não só defendesse a nova forma privada de adquirir riquezas, em oposição às tradições comunistas da tribo, como também que legitimasse e perpetuasse a nascente divisão em classes e o "direito" de a classe proprietária explorar e dominar os que nada possuíam. E essa instituição surgiu: o Estado.³⁵

Instrumento poderoso nas mãos da classe exploradora, o Estado teve no chefe supremo o seu representante e o seu cimo. Convinha aos interesses dos ricos revesti-lo de um halo religioso. Guerreiros e escribas, sacerdotes e artistas — cada qual no seu campo — contribuíram para criá-lo. E, ainda que eles, pessoalmente, não tivessem a menor dúvida a respeito da natureza do grande chefe, e que não vacilassem em depô-lo todas as vezes em que se mostrava inútil ou covarde — como o fizeram os chefes da América do Sul com o inca Urco, filho do Sol³⁶ —, também é certo que fomentavam de todos os modos possíveis a submissão supersticiosa da plebe. Desde a pirâmide imponente, até a cerimônia pomposa, tudo contribuía para reforçar esse prestígio, para influir na alma das massas, o caráter divino das classes abastadas. Naquelles tempos, as classes favorecidas não dispunham dos poderosos meios de persuasão e divulgação que hoje estão ao alcance dos seus herdeiros: o jornal de seis edições diárias, que se vende aos milhares, o telegrafo, que só transmite de um hemisfério a outro as notícias que convêm aos seus interesses. Mas os detalhes mais triviais em aparência se carregavam, mesmo nas sociedades mais afastadas da nossa, com intenso significado de domínio. As crenças na superioridade das classes dirigentes esborraçavam-se com o tempo, se não fossem periodicamente reavivadas. O Professor Malinóvski, da Universidade de Londres, que estudou cuidadosamente os atuais aborígenes do noroeste da Melanésia, conta-nos o seguinte fato, que ele próprio presenciou: "O cerimonial importante e complexo que acompanha as manifestações de respeito para com as pessoas de qualidade repousa sobre a idéia de que um homem de nobre linhagem deve permanecer sempre em um nível fisicamente superior ao dos indivíduos que não pertencem

eleito livremente pelos inqneses para representá-los no conselho das tribos. Seria correspondente aos nossos vereadores, ou deputados. Cf., a respeito, L. H. Morgan: *La Sociedad Primitiva*, especialmente o Capítulo V. (Nota do Tradutor.)

35. Engels: *El Origen de la Familia, de la Propiedad Privada y del Estado*, pág. 101.

36. Baudin: *El Imperio de los Incas y la Conquista Española*, pág. 13.

a uma classe. Em presença de um nobre, todos os homens de classe inferior devem abaxiar a cabeça, ou inclinar-se, ou ajoelhar-se, de acordo com o grau de inferioridade. Sob nenhum pretexto devem levantar a cabeça de modo que esta fique mais alta do que a do seu chefe. A casa deste é guardada de pequenos estranhos; durante as reuniões da tribo, o chefe coloca-se sobre um deles, de modo que os assistentes possam circular livremente, mantendo-se sempre em um nível inferior ao seu. Quando um plebeu tem de passar junto a um grupo de nobres que estão sentados no chão, ele deve grial de longe *toctai* (de pé); imediatamente os chefes se levantam, enquanto o plebeu passa de rastos. Poder-se-ia pensar, por causa da complicação, que chega a ser embaraçosa, desse cerimonial, que os indivíduos frequentemente se sentam tentados a desrespeitá-lo, mas tal não se dá. Quando estava na aldeia conversando com o chefe, tive a oportunidade de vê-lo várias vezes levantar-se imediatamente ao grito de *toctai*. Isso acontecia cada quinze minutos, mais ou menos, e o chefe permanecia de pé, enquanto o plebeu passava lentamente, inclinado até o chão."³⁷ Mas não eram só as cerimônias do protocolo que contribuíam para educar as massas na submissão e no respeito. A religião, a arte e a sabedoria as hipnotizavam diariamente com uma exaltação das classes grandes e outra dos miseráveis, uma imortalidade para aqueles e uma mortalidade para estes e, além disso, o desenho do corpo humano variava de acordo com a hierarquia social do retratado. Um dos maiores egípticos modernos, Ehnmann, assegura que os pintores egípticos representam os simples mortais empregando uma técnica naturalista, ao passo que estilizavam o corpo dos poderosos. Um amplo peito, por exemplo, era uma característica só permitida nos desenhos que representavam nobres, e essa característica tinha tal intenção social que o artista não a alterava, mesmo que a perspectiva o exigisse.³⁸

Descrevemos os modos de atuação da religião e da arte para podermos compreender de que modo a educação ministrada pela classe dominante sufocava, com variados recursos, as possíveis rebeldias das classes dominadas. Mas como a nós interessa, em especial, a conduta dos "conselheiros" e dos "iniciadores" da tribo, escolhamos um fato que mostre bem de que modo o saber uniu, desde o início, o seu destino ao das classes opressoras. Havia no Egito antigo um dispositivo admirável para a época, chamado *nilometro*, que permitia conhecer com boa exatidão o crescimento das

37. Malinóvski: *La Vida Sexual de los Salvajes del Noroeste de la Melanésia*, pág. 36.

38. Citado por Baudin: *La Théorie du Matérialisme Historique*, pág. 209.

águas do Nilo e prognosticar o volume da futura colheita. De acordo com essas informações, que eram mantidas em segredo, os sacerdotes aconselhavam os lavradores. As classes inferiores recebiam desse modo um excelente serviço, que a própria ignorância em que viviam, provocada por um trabalho ininterrupto, impossibilitava que realizassem. Mas o nílômetro servia duplamente às classes dirigentes, ainda que o objetivo fosse um só. Por um lado, quanto maior fosse a colheita, maiores os impostos³⁹; por outro, aquelas informações precisas a respeito da iminência do crescimento das águas — informações essas que só as autoridades estavam em condições de possuir — emprestavam ao soberano a ascendência das divindades: no momento oportuno, o Faró lançava no rio as suas ordens escritas, e então — só então — as águas obedientes começavam a subir...

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO DO HOMEM ANTIGO

Primeira Parte — Esparta e Atenas

A passagem da comunidade primitiva para a sociedade dividida em classes exige algumas advertências prévias para não incorremos em erros muito comuns. Quando estudamos as origens das classes sociais, temos a tendência de supor que logo *em seguida* aparece a luta consciente entre essas classes.

A luta consciente propriamente dita entre as classes de uma sociedade, no entanto, não se desenvolve, a não ser em determinado momento da evolução dessa sociedade,¹ e requer, portanto, um extenso período preliminar em que já existem contradições entre os interesses das classes existentes, mas em que essas contradições apenas se manifestam de modo obscuro e insidioso. Foi o que afirmaram Marx e Engels no primeiro parágrafo do *Manifesto Comunista*, quando disseram que a história da sociedade humana era a história das lutas entre opressores e oprimidos: "luta ininterrupta, velada algumas vezes, franca e aberta outras".² Esse esclarecimento fica complementado com a distinção fundamental que Marx já havia feito em *Miséria da Filosofia*, entre *classe em si* e *classe para si*.³ A *classe em si*, apenas com existência econômica, se define pelo papel

1. Bucáin: *La Théorie du Matérialisme Historique*, pág. 33.

2. Marx e Engels: *El Manifiesto Comunista*, pág. 60. (O grifo é nosso.)

3. Marx: *Miséria de la Filosofía*, pág. 106-107.

que desempenha no processo da produção: a classe para si, com existência econômica e psicológica, se define como uma classe que já adquiriu consciência do papel histórico que desempenha, isto é, como uma classe que sabe a que aspira. Para que a classe em si se converta em classe para si, é necessário, portanto, um longo processo de esclarecimento, em que os teóricos e as próprias perícias da luta desempenham uma amplíssima função.⁴

Mais clementes dos seus bens, por causa da importância dos interesses que deviam defender e pela possibilidade de refletir a respeito desses interesses, mediante o "ócio" que lhes era assegurado pelo trabalho alheio, as classes opressoras adquiriram, em relação às oprimidas, uma consciência mais clara de si próprias. Em virtude desta maior precisão de propósitos, elas adaptaram bem a sua educação, e a que ministravam aos outros, aos fins que visavam.

Para ser eficaz, toda educação imposta pelas classes proprietárias deve cumprir as três finalidades essenciais seguintes: 1º destruir os vestígios de qualquer tradição inimiga, 2º consolidar e ampliar a sua própria situação de classe dominante, e 3º prevenir uma possível rebelião das classes dominadas. No plano da educação, a classe dominante opera, assim, em três frentes distintas, e ainda que cada uma dessas frentes exija uma atenção desigual segundo as épocas, a classe dominante não as esquece nunca.

No momento da história humana em que se efetua a transformação da sociedade comunista primitiva em sociedade dividida em classes, a educação tem como fins específicos a luta contra as tradições do comunismo tribal, a inculcação da idéia de que as classes dominantes só pretendem assegurar a vida das dominadas, e a vigilância atenta para extinguir e corrigir qualquer movimento de protesto da parte dos oprimidos.

O ideal pedagógico já não pode ser o mesmo para todos; não só as classes dominantes têm ideais muito distintos dos da classe dominada, como ainda tentam fazer com que a massa laboriosa aceite essa desigualdade de educação como uma desigualdade imposta pela naturza das coisas, uma desigualdade, portanto, contra a qual seria loucura rebelar-se.

Vamos estudar agora, numa rápida viagem pela Grécia e por Roma, de que modo as classes exploradoras conseguiram cumprir os seus propósitos na Antiguidade.

Quando os gregos entraram para a História, restavam apenas alguns vestígios do comunismo primitivo. As notícias mais remotas indicam que

4. Lamine: *Quê Hacer?*